

Capítulo 7

Pedra por Pedra

No dia seguinte, parti no silêncio da manhã de inverno para caminhar sozinha 34 quilômetros. Era um lindo dia ensolarado. A área era de fácil caminhada com apenas uma pequena cadeia de montanhas para me desafiar. Naquele dia, notei por acaso pilhas ordenadas de pedras, colocadas à beira do caminho ou sobrepostas em cima de sinalizadores de concreto, estes decorados com telhas azuis marcadas com um símbolo de vieira, indicando o caminho para Santiago. Supus que as pilhas de pedras foram colocadas por peregrinos que passaram por ali antes, e como queria fazer parte de um ritual histórico, acrescentei uma pedra minha. Embora não soubesse porque fiz isso, senti-me como se fizesse parte de algo muito especial.

Por volta de 3 horas da tarde, cheguei à cidade de Estella. Localizada no ponto onde o Camino Frances se encontra com a rota do Camino Arles unindo os dois caminhos a Santiago, a cidade reúne os peregrinos que vêm de diferentes rotas.

Mais tarde, cheguei ao refúgio e me apresentei às pessoas que vinham dos quatro cantos do mundo. Elas estavam aqui reunidas, provenientes da Alemanha, Argentina, Brasil, Holanda, Suíça e Madri. O refúgio não tinha instalações para se cozinhar, então alguns de nós decidimos sair juntos para comer uma refeição de peregrino em um restaurante local.

Cada um vinha de um país diferente e assim, a conversa foi uma festa de vários idiomas. Para sorte minha, havia sempre alguém capaz de traduzir para o inglês o que estava sendo dito. Durante uma trégua na conversa, perguntei se alguém da mesa conhecia o motivo das pilhas de pedras deixadas ao longo do caminho. Sentado à minha frente, um jovem peregrino alemão, Andreas, sorriu com antecipação e me disse que conhecia uma história sobre as pedras. Falando pausadamente, ele explicou. “Dizem que se você pegar uma pedra e colocar nela algumas das suas tristezas, quando a colocar no chão, você deixará para trás essas tristezas.”

Fiquei emocionada. A história mexeu comigo. Se eu deixasse minhas tristezas no Caminho, certamente criaria mais espaço no meu coração para o amor. No dia seguinte, assim que saí para uma caminhada, a primeira coisa que fiz foi pegar uma pedra. Eu não sabia ao certo como colocar minhas tristezas em uma pedra, então apenas imaginei que poderia fazer isso. Segurando a pedra na minha mão enquanto caminhava, acariciei com os dedos as bordas lisas, como se estivesse esfregando minhas tristezas nela. Após alguns minutos, coloquei a pedra cuidadosamente na beira do caminho, deixando minha tristeza nela. Quase que imediatamente, meu coração se abriu para mais amor e senti-me tão bem que quis logo pegar outra pedra. Assim o fiz, mas dessa vez pensei em colocar as tristezas de minhas filhas na pedra. Ao avistar uma pequena pedra redonda, peguei-a para Tara, minha filha mais velha. Segurei-a por um tempo enquanto caminhava, colocando a tristeza dela na pedra, e logo depois a deixei no caminho. A próxima pedra que peguei foi para Meghan, minha filha do meio. Segurei-a junto ao meu coração imaginando que a tristeza dela estava passando para a pedra, e depois a coloquei também cuidadosamente no chão. Finalmente, peguei uma pedra para Simone, minha filha mais nova. Com a mesma intenção, coloquei também a tristeza dela na pedra. Nunca supus conhecer exatamente quais eram as tristezas delas, apenas sabia que elas as tinham. Esse foi o meu presente secreto para elas. Foi perfeito. Isso logo se tornaria meu ritual diário.

Duas semanas depois, e tendo coletado suprimentos para a jornada de subida a O'Cebrero, voltei ao refúgio em Villa Franca. Quando abri a porta, lá sentado à mesa estava Andreas, o peregrino alemão que havia me contado a história das pedras de tristezas. A primeira coisa que mencionei a ele foi o profundo impacto que a história dele me causou. Levei um choque quando ele disse: “Na verdade, não acredito nas pedras de tristezas.” Fiquei tão aturdida com esse comentário que não conseguia falar. “Era apenas uma história que um amigo me contou e que eu estava dividindo com você.” Para mim, o ritual de deixar minha própria tristeza e a tristeza de outros ao longo do Caminho havia mudado a minha vida. Ouvindo isso, tive a compreensão clara da verdadeira força da crença em algo. Foi minha fé na possibilidade de que poderia colocar minha tristeza em um pedra que fez com que fosse real para mim.

Agora eu sabia que não importava se Andreas acreditava nas pedras ou não. No fim, o que é importante é aquilo em que eu acredito.